

Dia Mundial da Criança

“As mães dos soldados mortos são juizes da guerra.”

Bertolt Brecht.



O Cava-Cava e o Xeca-Xeca com as suas respectivas namoradas.



“... A coragem talvez seja uma das formas supremas da elegância e isso os nossos soldados tinham.”

António Lobo Antunes (in *Diário de Notícias*, 30/09/2007, p. 46).

“A Pátria pouco lhes deu e tudo lhes ficou devendo.”

Galvão de Melo, general piloto aviador, RTP 1, 16/10/2007.

Apoie iniciativas para regresso dos restos mortais dos ex-combatentes.



O Cava-Cava

Victor Manuel Sampaio e Melo Santos

victor.santos.lisboa@iol.pt

1966, Junho... *“Acordei a meio da noite todo encharcado. Assustado e ainda meio adormecido, tateei lentamente por debaixo da travesseira para encontrar a lanterna a pilhas que estava sempre junta à pistola. Entretanto, algo se mexeu. Comecei a aperceber-me que estava qualquer coisa ao meu lado. Seria um bicho? Liguei a lanterna e apontei o feixe luminoso vermelho, receoso do que poderia encontrar. Afinal, era o miúdo, o Cava-Cava. Já não me lembrava que por falta de cama e para que ele não se sentisse só, tinha ficado na minha. Acendi o candeeiro a petróleo para refazer a cama com roupa lavada. O miúdo estava aterrorizado com o que lhe poderia acontecer. Sosseguei-o fazendo-lhe umas festas na cabeça e sorrindo para ele. Coitado, tem pesadelos e estrebucha durante a noite. Deve reviver nos seus sonhos o terror porque passou, por ver os seus pais e familiares mortos...”*

Dias antes, numa operação militar, toda uma base inimiga tinha sido destruída. Só ficou um miúdo de cerca de 5 anos que fugiu para o mato.



Não foi fácil apanhá-lo. Como não podia ficar ali órfão, sozinho, sem comida, à mercê de feras... acompanhou as nossas forças de regresso ao quartel. Não falava português. Um camarada, considerando a velocidade com que

ele fugiu pelo mato, chamou-lhe o Cava-Cava. E ficou este o seu nome. Sem família, decidimos ficar com ele, dividindo-se a função de pai por uns quantos.

Todos nos afeiçoámos ao Cava-Cava, que passou a fazer parte da Companhia com direito a uma caminha e a uma farda próprias. Poucas semanas depois, arranjei-lhe uma namorada, uma menina do bairro contíguo. Nos poucos momentos de folga, eu vestia roupa civil para me sentir longe da guerra e, com o casal de “namorados” e o Xeca-Xeca, fazíamos passeios pelo bairro e pela localidade. Ia muitas vezes a uma tasca conversar e beber um copo com um velhote negro que tinha sido *chauffer* durante muitos anos na metrópole. O velhote, de cabelos brancos como a neve, quando me via dizia sempre “Então, lá vamos nós numa água de Lisboa...” Água de Lisboa era vinho tinto. Enquanto o Cava-Cava brincava na rua com as crianças do bairro, eu ficava a ouvir as histórias vividas por aquele sexagenário na metrópole, numa época em que ainda eu não era nascido.



Harver da FA para a base de Mueda, de onde seria transportado depois num DC10 para o

A 23 de Agosto, em consequência de um ataque de morteiros ao quartel, sofro uma lesão e fui evacuado no lugar de co-piloto de um

Hospital Militar de Nampula. O Cava-Cava e o Xeca-Xeca, com as respectivas namoradas, bem como todos os meus haveres, ficaram lá pelo extremo norte. Mais tarde, o Batalhão desceu para próximo do Hospital sem o Cava-Cava porque as autoridades civis não autorizaram a sua deslocação. O capelão militar ficou de tratar da sua legalização e autorização de mobilidade.

Regressados à metrópole, diminuídos física e psicologicamente, tivemos de enfrentar a adaptação a uma vida totalmente diferente, um novo combate, o da sobrevivência. As dificuldades encontradas pelo capelão, o dia-a-dia das nossas vidas profissionais e familiares, fizeram esquecer o projecto da vinda do Cava-Cava. Contudo, nunca o esquecemos.

Às vezes, lembro-me do “Água-de-lisboa”. Hoje, sou eu o sexagenário que, folheando o álbum de fotografias, conta histórias de Moçambique. No álbum e em algumas molduras estão fotografias do Cava-Cava. Olho para elas e pergunto a mim mesmo o que será feito dele. Como nós, ex-combatentes, não teve apoio psicológico. Ficou sem família. Como terá crescido?

⊕ **SM**, 2010

